



Chanceler Serguei Lavrov alerta que não se pode subestimar o perigo de o confronto se espalhar. Secretário de Defesa americano diz que os EUA querem o enfraquecimento militar de Moscou. Reino Unido avalia em 15 mil o número de soldados russos mortos

# Rússia vê risco “real” de conflito global

» RODRIGO CRAVEIRO

Yasuyoshi China/AFP



Militar ucraniano supervisiona pedaço de motor de míssil balístico da Rússia que caiu em Bohodarove, no leste da Ucrânia

Três perguntas para

**OLEKSANDR POGREBYSKYI, sargento do batalhão de voluntários “Irmãos em Armas”, fundador do 206º Batalhão de Defesa Antiterror (em Kiev) e deputado do Conselho Municipal de Kiev**

**Como o senhor vê a meta dos EUA de enfraquecer militarmente a Rússia?**

É possível. As tropas da Rússia estão perdendo muito de sua eficácia de combate. A maioria das unidades prontas para o combate das Forças Armadas da Rússia está envolvida na guerra desde 24 de fevereiro. A maioria perdeu a capacidade de combate, graças à destruição de equipamentos e às baixas, especialmente em Kiev. A Rússia teve que atrair mercenários da Síria e da Chechênia para a Ucrânia, mas muitos deles estão mortos.

Zalmayev minimiza a ameaça moscovita. “Os generais e diplomatas russos, entre eles Lavrov, estão desesperados para fornecer retórica triunfante. Uma guerra mundial pode ou não ocorrer. Existe um risco, mas a Rússia travaria esse ‘conflito mundial’ por conta própria. O perigo maior repousa sobre Moscou.”

Anton Suslov — especialista da Escola de Análise Política, em Kiev — avalia que as declarações das autoridades russas são quase inocuas e alvejam a opinião pública interna. “A Rússia quer assustar a Ucrânia. Ela entende somente a linguagem das armas. As principais forças do Exército da Rússia se concentram

**Os russos estão perdendo a batalha?**

Desde o começo da guerra, eu não apenas acreditei na derrota da Rússia. Eu sabia que era isso que eles teriam. A Ucrânia tem Forças Armadas poderosas e motivadas, e um povo igualmente forte, que para os tanques de mãos vazias. A Rússia tem perdido em eficácia de combate e em estabilidade econômica,

Arquivo pessoal



devido às sanções econômicas. Somos gratos pelos aliados ocidentais. Moscou perdeu oito de seus generais na guerra contra a Ucrânia. Putin começou uma “caça às bruxas” entre a liderança do Exército, o que sempre tem efeito negativo no front. Se falarmos de erros de cálculos estratégicos, o governo russo e o Exército tornaram-se vítimas de sua própria propaganda...

na fronteira entre os dois países, o que torna a abertura de nova frente algo irracional”, disse à reportagem.

Oleksandr Pogrebyskyi, sargento do batalhão de voluntários “Irmãos em Armas”, viajará de Kiev ao leste do país para combater os russos. Ele crê que Putin está ciente de uma derrota. “Por isso, Moscou busca ameaçar

**Por que a tomada de Kiev não se concretizou?**

Os soldados russos foram incapazes de invadir Kiev porque as Forças Armadas da Ucrânia são mais fortes. O Exército russo estava convencido de que, quando entrasse na região de Kiev com comboios militares, seria recebido com flores. Eles não estavam prontos para a resistência forte. Quando a sentiram, sofreram pesadas baixas. Perceberam que estavam cercados e que os suprimentos de combustível, comida e munição estavam acabando. Então, começaram a recuar para Belarus. (RC)

**Combates**

Odesa, cidade portuária às margens do Mar Negro, sofreu

**Eu acho...**



Arquivo pessoal

“Eu vivia em Oleshky, na região ocupada de Kherson (sul). Minha mãe, minha irmã e eu fugimos de lá em 6 de abril. Depois de passarmos os postos de controle russos, chegamos a uma base montada pelos ucranianos. Chorei. Pela primeira vez em um mês, me senti segura. Estamos incrivelmente orgulhosos de nosso exército e do fato de termos defensores tão corajosos, além de voluntários que ajudam a encontrar apartamentos e trazem ajuda humanitária.”

**KARYNA LOHVYENKO, 17 anos, refugiada em Odesa (sudeste da Ucrânia)**

bombardeios intensos pelo terceiro dia consecutivo, desde que a Rússia anunciou o desejo de capturar o sul e criar um corredor entre a região do Donbass (leste) e a Crimeia, península anexada em 2014. Abrigada com a irmã e a mãe em um apartamento, Karyna Lohvynenko, 17 anos, precisa se refugiar na garagem subterrânea sempre que as sirenes anti-aéreas soam. “Os últimos três dias foram muito difíceis. As sirenes tocam com intervalos de poucas horas. De repente, foguetes começam a voar sobre a cidade. É muito assustador, fico sem saber o que fazer. Sei que preciso correr, mas para onde?”, desabafou ao **Correio**.

Karyna vivia em Oleshky, na região de Kherson (sul), ocupada pela Rússia. “Desde o primeiro dia da guerra até 6 de abril, quando fugimos, passávamos as noites no porão de uma loja. Caças sobrevoavam Oleshky todos os dias, escutávamos os tanques e as rajadas de metralhadoras. Meu amigo foi morto pelos russos, ontem (domingo), sobre a Ponte Antonovsky. Era militar. A ambulância tentou salvá-lo e foi fuzilada.” Ontem, os russos bombardearam cinco estações ferroviárias nas cidades de Khmerynka e Koziatyn, na região de Vinnytsia (centro-oeste).

FRANÇA

## Começa a batalha pelas legislativas

O centrista Emmanuel Macron, reeleito presidente da França, terá dois grandes desafios pela frente: unir um país dividido após a eleição e preparar a batalha das legislativas, que a extrema-direita e a esquerda encaram como um “terceiro turno”. Pouco depois do anúncio da vitória de Macron no domingo, quando ele se tornou o primeiro a conseguir a reeleição desde o conservador Jacques Chirac em 2002, seus rivais derrotados anunciaram que buscarão a revanche em junho.

“Lançamos esta noite a grande batalha eleitoral das legislativas”, declarou Marine Le Pen, após a derrota

no segundo turno, quando recebeu quase 41,5% dos votos, contra 58,5% do atual presidente. “O terceiro turno começa esta noite”, afirmou, no domingo, o esquerdista Jean-Luc Mélenchon, que ficou em terceiro lugar no primeiro turno, ao receber quase 22%.

As eleições parlamentares, de 12 e 19 de junho, são fundamentais para que o presidente liberal consiga levar adiante o seu programa para uma “França mais independente”, seu projeto “social e ecológico, baseado no trabalho”, como prometeu no discurso de vitória.

A equipe de Macron passou à

ofensiva ontem mesmo. O líder da bancada do partido A República Em Marcha (LREM), Christophe Castaner, afirmou que os franceses darão “a ambição e os meios” para poder aplicar o programa com o qual foi eleito. Entre suas promessas para transformar a França, está o “renascimento” da energia nuclear e alcançar a neutralidade de carbono até 2050, mas também a impopular medida de aumentar a idade de aposentadoria de 62 para 65 anos.

A maioria dos franceses, de acordo com duas pesquisas publicadas logo após sua reeleição, não quer dar ao líder do partido

LREM a maioria parlamentar, como a que possui desde 2017 na Câmara, o que abriria a porta para a “coabitação”. “Sem a maioria, ele não pode fazer nada. O rei está nu”, declarou à agência de notícias France-Press Dominique Rousseau, professor de direito constitucional da Universidade Panthéon-Sorbonne. Uma vez escolhido pelo presidente, o primeiro-ministro estabelece o rumo do governo.

A França já passou por este modelo. Em 1997, Chirac nomeou como primeiro-ministro o socialista Lionel Jospin. E o presidente conservador havia sido o primeiro-ministro,

Ludovic Marin/AFP



Macron e a primeira-dama, Brigitte, celebram, na Champ de Mars

entre 1986 e 1988, de seu antecessor socialista, François Mitterrand. Em um sistema de eleição uninominal em dois turnos, o partido de Mélenchon, os ecologistas e os comunistas

negociam uma frente comum para obter a maioria das circunscrições. Em uma extrema-direita dividida, também surgem vozes para apresentar um bloco unido.